

Reflexões em torno da matriz pragmatista: algumas contribuições à dinâmica interativa do Movimento Gandarela¹

Adriana BRAVIN²
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O artigo volta-se para a matriz filosófica pragmatista (Escola de Chicago), como um método de pesquisa, e a comunicação como um processo de interação, na qual a constituição de um mundo comum se dá pela ação do indivíduo sobre o meio mas também pelo reflexo dessa ação sobre o indivíduo. Desse modo pode-se compreender, como aponta França (2008), a intervenção no social a partir da compreensão do que dizemos. As reflexões embasam uma primeira aproximação à dinâmica comunicacional de um movimento socioambiental.

Palavras-chave

Pragmatismo-ação-experiência-comunicação-meio ambiente

Neste artigo, nosso exercício de reflexão volta-se para a matriz filosófica pragmatista (Escola de Chicago), como um método de pesquisa, e a comunicação como um processo de interação, na qual a constituição de um mundo comum se dá pela ação do indivíduo sobre o meio mas também pelo reflexo dessa ação sobre o indivíduo. É na troca entre um e outro, ou seja, no relacionamento, na interação, que a realidade é criada. Desse modo, o pensamento se ancora no agir e a construção de significados se dá na relação³. Por isso, nos alinhamos ao pensamento de França (2001) de que a comunicação é “um processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas” (FRANÇA, 20110, p, 41).

Reconhecemos na perspectiva relacional da comunicação, em especial, nas contribuições de G. H. Mead (Escola de Chicago, 1920-1930), fonte preciosa para nossos estudos a respeito da dinâmica comunicativa colocada em prática por nosso objeto de pesquisa – o Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela (MPSG). Nesse sentido,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Reconhecemos a contribuição de Louis Queré e do modelo praxiológico de comunicação nessa formulação conceitual, mas como não é nosso objetivo nesse trabalho abordar especificamente esse modelo – ao qual, no entanto, nos alinhamos em nossa pesquisa no doutorado – optamos por não aprofundar esse ponto.

entendemos que as narrativas produzidas pelos agentes desse movimento se constituem pela mútua afetação que sofrem seus elementos. Esse ponto de vista permite-nos alcançar o processo social implicado na comunicação, onde sujeitos em relação produzem discursos e sentidos.

Nesse sentido, procuramos abordar neste espaço alguns aspectos da matriz referida que pudessem iluminar nossas reflexões e nos ancorar, futuramente, em nossas análises. Em um primeiro movimento a matriz pragmatista será abordada a partir de suas três ideias principais – o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo (Pogrebinshi, 2005). Determinadas formulações conceituais aí implicadas nos ajudam a pensar o processo comunicacional na dinâmica relacional de nosso objeto de estudo, tais como: a preocupação com a ação; o pensamento relacionado com a ação e a experiência; as consequências desse pensamento-ação na realidade; a concepção instrumental de verdade, relacionando-a à realidade e a uma perspectiva de futuro.

Em seguida, abordamos o conceito de experiência (Dewey, 2010, 2011) como um amplo contexto onde se dão as práticas, que remetem à noção de ação. A experiência ganha força na interação com o ambiente que nos cerca. Esse conceito nos leva a outra formulação que será fundamental no aprofundamento de nossos estudos, qual seja: a de que estar no mundo (e com ele interagir) corresponde a afetar e ser afetado, a sofrer as consequências do agir. O próximo movimento será dedicado ao interacionismo simbólico de Mead e à produção de sentido comum na interação, por meio de “gestos significantes” colocados em prática pela linguagem.

Esse aspecto será fundamental no futuro da pesquisa em curso, pois uma vez sendo a linguagem parte do social – o que possibilita a interação – acreditamos que por meio dela e do conjunto de símbolos criados sobre a Serra do Gandarela, através desses gestos significantes e compartilhados em diferentes instâncias de interação – entre os membros desse movimento socioambiental (o “eu generalizado”), entre eles e a sociedade, a mídia e a empresa mineradora a quem se opõem – é que o objeto de suas ações ganha visibilidade e existência sob uma nova perspectiva (um novo sentido para a Serra).

Uma vez que os “gestos significantes” guiam a minha ação no presente com vistas ao futuro – ajo prevendo a reação do outro – a formulação de Mead nos servirá para pensar o “afetar e ser afetado” (na e pela experiência, na e pela ação), ou seja, a mútua afetação e o movimento de reflexividade aí implicados. Acreditamos que esse duplo movimento fundamenta a dinâmica comunicativa de nosso objeto de estudo.

Em nossas considerações finais, apontamos os caminhos que a abertura conceitual da matriz pragmatista e do interacionismo simbólico nos possibilitam, uma vez que, a fala do outro, “a matriz teórica”, também provoca no pesquisador a “adaptação” de seu pensamento, com vistas às respostas possíveis, no futuro da pesquisa.

1- A matriz pragmatista: o caminho que leva à ação

O pragmatismo⁴ preocupa-se com a ação do pensamento sobre o mundo. Essa Filosofia da ação tem um caráter antidogmático, fundamentado na crítica como método de pensamento, na recusa às ideias de certeza, verdade e realidade nos moldes da metafísica tradicional, ou seja, na rejeição aos conceitos abstratos ou categorias dadas *a priori* – todo e qualquer tipo de fundação deve ser rejeitado, daí sua primeira “ideia”, qual seja, o antifundacionalismo (Pogrebinschi, 2005). O termo pragmatismo, aliás, vem do grego pragma, cujo significado – “fazer” - denota ação, ato ou caso. “Conforme a antropologia pragmática de Kant, pragmatismo é a ética prática. Na definição kantiana, o horizonte pragmático representa a adaptação do conhecimento à finalidade moral, aos fins da vida prática, do agir” (NASCIMENTO, 2010)⁵.

Enquanto método de investigação, apresenta-se aberto às conclusões “sempre tentativas, experimentais” (PEIRCE apud POGREBINSCHI, 2005, p. 30)⁶, como um método em processo, ou seja, “não existem respostas capazes de fazer cessar a investigação” (Ibid, p.32) – não há uma verdade final a ser atingida⁷. A recusa às certezas estende-se, de um nível filosófico à prática de vida, à experiência humana, sempre incerta e imprevisível. A ação prática dos homens é o que interessa à filosofia pragmatista. Nesse sentido, o método pragmático significa uma atitude, uma orientação. “A atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das ‘categorias’, das supostas necessidades e de procurar pelas últimas coisas, ou seja, seus frutos, as suas conseqüências, os fatos” (NASCIMENTO, 2010, p. 6).

⁴ Partimos da matriz filosófica do pragmatismo desenvolvida por Charles Peirce, Willian James e John Dewey, autores a partir dos quais desenvolveram-se os conceitos abordados neste artigo. (Pogrebinschi, 2005).

⁵ Essa autora situa as bases do pensamento de Charles S. Peirce, um dos precursores da filosofia pragmatista, na filosofia kantiana. Em síntese, Peirce define o pragmatismo como “a maneira como o conhecimento, o saber racional, está relacionado com a ação humana, com a conduta humana, atribuindo-lhe uma finalidade racionalmente prática” (NASCIMENTO, 2010, p.2).

⁶ O que nos faz pensar nos fenômenos comunicacionais como “tentativos”. Cf. BRAGA (2010).

⁷ A respeito do ponto de tensão entre W. James e C. Peirce, ou seja, se o pragmatismo é essencialmente uma “teoria da verdade” ou uma “teoria da significação”, ver POGREBINSCHI, 2005. Ressalta-se, no entanto, que o pragmatismo formula uma nova concepção de verdade que em Willian James corresponde ao que é vantajoso ao pensamento e, tanto para este autor quanto para John Dewey, formula-se a partir da experiência – é nesta que estão dadas as condições de verdade. Cf. NASCIMENTO, 2010.

Para nos localizarmos nessa discussão, comecemos pela crítica de Charles Peirce, um dos formuladores iniciais do pragmatismo, ao cartesianismo. Ele afirma não ser possível pensar sem signos (*signs*), uma vez que o pensamento somente é acessível por fatos externos e somente se estabelece por meio de sinais, por signos, logo, não existe pensamento que não pode ser conhecido, pois todo pensamento “deve, necessariamente, ser feito de signos (POGREBINSCHI, 2005, p.27). Essa formulação se contrapõe às ideias cartesianas de um poder de introspecção, de pensar sem signos, de intuição, e de algo que não se pode acessar por não se conhecer (o incognoscível).

O pensamento, sendo ele próprio formulado a partir de signos, deve ser interpretado por outro que lhe seja anterior, assim, acessar o significado de um termo – por exemplo, o significado do termo “meio ambiente” – implica acessar a concepção que ele transmite, a partir de abstrações, cognições, julgamentos de experiência, e suas consequências na realidade. Desse modo, “cada palavra deve ser relacionada com a experiência, gerando um novo significado” (Ibid, p. 32).

Vejamos como isso pode se aplicar ao nosso objeto de estudo. Há cinco anos, o Movimento Pela Preservação da Serra do Gandarela (MPSG) atua na mobilização da sociedade civil e do poder público para evitar a implantação da Mina Apolo, pela empresa Vale, a segunda maior do país em extração de minério de ferro, na Serra do Gandarela, última área não explorada pela mineração no Quadrilátero Ferrífero, a 40 km de Belo Horizonte. A serra – palavra e coisa – passa a ser alvo de “disputas” em torno de seus usos e significações.

O Movimento defende a criação de um parque nacional na área. Proposta que se efetivou em janeiro de 2013, com o envio do projeto ao Ministério do Meio Ambiente pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e que está prestes a ser assinada pela presidenta Dilma Rousseff⁸.

A partir da ação desse coletivo, a Serra do Gandarela passa a existir publicamente como objeto de interesse ambiental, sendo seu maior valor, a capacidade de produzir e armazenar água, apresentado como principal argumento frente à mineração. A noção antecipada do dano ambiental (uma consequência de uma ação anterior sobre o meio ambiente que leva a uma degradação – o *sofrer*), acionada pelo MPSG em função de uma

⁸ A controvérsia atual gira em torno dos limites da mineração, uma vez que a principal área defendida pelo movimento, no interior do futuro parque, é a mesma de interesse da empresa mineradora. Ver a esse respeito a rede social www.aguado.gandarela.org e a campanha

memória e experiência de danos semelhantes em outras áreas do Estado e do país, instaura um *agir* para que o futuro da região possa ser diferente.

A imagem da serra – até então uma paisagem natural pouco conhecida e valorizada próxima de Belo Horizonte – é associada ao “Avatar”, paraíso das águas, de belezas intocadas, habitat de espécies raras. Seu valor ambiental é acionado e gera novos significados para esse espaço⁹.

O segundo ponto dessa “filosofia prática” peirciana que nos interessa nos leva também à segunda ideia do pragmatismo (ou princípio que o orienta), o consequencialismo: “o significado de um conceito apenas pode ser conhecido através de suas consequências práticas” (Ibid, p.29). Ao comparar diferentes concepções entre si, a racionalidade do método pragmatista busca compreender qual delas influirá na modificação da conduta prática dos sujeitos – o que esse conceito é no seu futuro.

Willian James formula a questão: “que diferença faria, no nível prático, para qualquer pessoa, se esta noção ao invés daquela outra fosse verdadeira?” (Ibid, p. 31). Fica claro que a questão levantada intenciona identificar “a melhor resposta para aquele que faz a pergunta”, ou, como essa prática e essa experiência podem levar não a uma certeza, mas à verdade que se formula nessa relação, nesse contexto, nessa situação.

A comparação – como método analítico – leva a que se considerem os efeitos práticos positivos que certas concepções podem trazer no futuro. É a utilidade dessas concepções adotadas que faz com que se tornem significativas e reais, que “seu significado seja verdadeiro se o uso se compatibilizar com outros usos da vida” (JAMES apud POGREBINSCHI, 2005, p. 43). Portanto, desde que seja proveitosa, que seja o melhor para quem a adota naquele momento.

Essa concepção instrumental da verdade, em James, relacionando-a à realidade e ao que definimos como “o melhor para nós”, é a chave de interpretação do consequencialismo pragmatista: a verdade, a realidade, o mundo são algo inteiramente maleável. A verdade se transforma de acordo com a realidade em que estamos inseridos. “Afinal, quando somos nós mesmos a dar forma à nossa verdade e realidade, esta forma será sempre uma que vale a pena, e que nos é benéfica” (Ibid, p. 45).

Dewey reforça o argumento de que a condição da verdade refere-se a uma perspectiva ou referência de futuro – só pode ser verdadeiro se a consequência futura assim indicar – e acrescenta tratar-se de um conceito responsivo – responde a alguma coisa,

⁹ Ver Apêndice: panfleto “Direito a Dizer Não”.

finalidade. Se a definição de verdade remete às consequências futuras às quais uma proposição, ou sentença, se refere, então, o futuro está contido em todo evento presente. “Deste modo, explica Dewey, o passado, o presente e o futuro estão em um mesmo nível, pois todos constituem apenas fases de uma mesma coisa” (Ibid, p. 48).

Vimos nesse ponto uma possibilidade de refletir algumas questões relativas ao nosso objeto de estudo que a filosofia pragmatista nos parece iluminar, especificamente a que diz respeito a “qual concepção irá influir na modificação da conduta prática dos sujeitos – o que esse conceito é no seu futuro”.

Nossa hipótese de trabalho é que Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela age no sentido de romper com o fluxo considerado normal das coisas, o avanço considerado evidente da atividade extrativista (no caso, minério de ferro) e, a partir disso, provoca a busca por um novo sentido (conceito) da Serra, contrapondo-se ao atual modelo de desenvolvimento econômico centrado na extração mineral “a qualquer custo” à medida que problematiza a questão da água apresentando-a como valor central nas narrativas produzidas pelo grupo sobre a defesa da Serra do Gandarela. Tal sentido tem como contexto a própria experiência – o vivido – assentada na memória de outros movimentos ambientalistas no enfrentamento à expansão minerária em Minas e no país.

2 - A abrangência da experiência

A experiência é conceito central na matriz pragmatista, referindo-se às crenças políticas, religiosas, científicas que compõem a cultura de uma determinada época e de um determinado lugar, a um amplo contexto onde se dão as práticas – essas são constitutivas da experiência – que por sua vez remetem à noção de ação. Mas, antes, o que o pragmatismo entende por contexto? A resposta vem de Dewey: o contexto é algo tão patente que chega a ser ignorado, uma vez que está profundamente arraigado nos hábitos de fala, nas práticas comunicativas, no vocabulário, no que se ouve e se fala, na vida (Ibid, p.57). “Para o pensamento ganhar significado, ele precisa não apenas ser representado e interpretado a partir de signos e sinais, ele precisa necessariamente do contexto, pois é este também que irá dar significado aos próprios símbolos” (DEWEY apud POGREBINSCHI, 2005, 57-58).

A noção de contexto, assim formulada, remete à ideia de um “pano de fundo” comum, algo intrínseco ao viver, ao partilhado. Assim, “experiência é o nome do mais abrangente dos contextos” (Pogrebinschi, p. 60). Ela se dá em interação com o ambiente que nos cerca porque, partindo da biologia, Dewey (2011) afirma que onde há vida, há

comportamento, há atividade, e contínua necessidade de adaptação e modificação do ambiente, que é transformado por essas necessidades (Ibid., p. 86).

Ou seja, esse “ajuste adaptativo” atua nos dois sentidos. Voltando aos exemplos da biologia, ele diz que tanto a ostra atua sobre o meio, e o modifica, quanto modifica a si mesma. Nessa concepção naturalística de Dewey, a experiência fornece a chave para compreendermos a conexão entre o agir-sofrer ou submeter-se a formas que irão constituí-la, sempre na interação entre organismo e meio. Por isso, “as mudanças produzidas no meio ambiente reagem sobre o organismo e sobre suas atividades, de sorte que o ser vivente experimenta, e sofre as consequências de seu próprio comportamento” (Ibid p. 91).

Sendo a experiência algo da ordem do “continuum”, do fluxo, do movimento que caminha em direção a um desfecho – de algo para algo – (Dewey, 2010)¹⁰, remete sempre a alguma ação anterior, ao vivido, e assenta-se na memória. Há um caráter individualizado e autossuficiente nessa concepção, afinal, falar de algo que se vivenciou, experimentou, implica em falar “de uma dada” experiência, que tanto pode ter sido benéfica ou insignificante quando a vivenciamos até sua consumação, na consciência. É nesse sentido vital que as experiências reais, referidas a situações vivenciadas, remetem a um “memorial duradouro” (Ibid).

Por isso, não há experiência nem aprendizado que não implique em processo cumulativo. Tal processo se dá por meio da interação – como dito antes – do organismo e do meio ambiente. Ao agir sobre o meio, sofro as consequências dessa ação. Modifico o meio, me transformo, aprendo algo novo. Infere-se que o conhecimento não é algo separado, como uma atividade puramente intelectual, mas relaciona-se à ação e à experiência, uma dando sentido à outra. A experiência assume, então, um papel importante nas ações de um agente orientando, modificando e interferindo nas ações humanas, ou seja, como uma “habilidade organizada de ação” (DEWEY, 2011, p 87).

Pode-se deduzir, a partir do exposto, que ação e experiência dizem de uma interação do agente com o meio (o mundo), de um “agir” no mundo e por ele ser afetado, de um “sofrer” com as consequências de seu agir, resultando daí um conhecimento. É nesse sentido que a experiência torna-se “construtiva e autorregulada”, pois “usamos nossas próprias experiências passadas para conduzir experiências novas e melhores no futuro. A

¹⁰ Nesse sentido, o conceito de experiência remete a um evento integral, que “ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p. 109).

própria experiência como fato inclui o processo pelo qual ela se conduz em seu próprio aperfeiçoamento” (DEWEY, 2011, p. 96)¹¹.

A ação dos agentes do Gandarela tanto são baseadas em suas experiências passadas quanto são acionadas em suas interações no presente de modo que, com base no presente, mas acionando passado e futuro, agem no sentido de se antecipar ao dano ambiental provocado pela uma atividade mineradora. Articulam ações nos âmbitos locais, regionais e internacionais (pois são ligados a redes de ambientalistas em outros países), participam de reuniões diretamente com a ministra do Meio Ambiente em torno das negociações pela criação do Parque do Gandarela e de seus limites, adaptam suas estratégias comunicativas aos seus diferentes públicos – falam para a sociedade em geral, mas também falam para a mineradora e para o governo¹² – e nessas interações também adotam novos argumentos frente às igualmente reajustadas condutas da empresa mineradora às ações promovida pelo Movimento.

A esse contínuo processo de ajustamento, entre ações concretas realizadas em experiências passadas e a apreensão das necessidades e deficiências atuais no presente visando novos fins, Dewey denomina “inteligência experimental”. É o homem agindo no mundo que possibilita, por meio de sua razão experimental – em oposição à razão cartesiana ou empírica – o desenvolvimento da inteligência. Essa razão nasce e se comprova na experiência, se expande e se enriquece na experiência. Essa perspectiva criativa e emancipadora une as experiências do passado à inteligência inventiva que olha para o futuro (Ibid, p. 97-98).

3 – Pensar o modelo relacional: a interação, o gesto

Seguimos, até aqui, a pista pragmatista e, em especial, o pensamento de John Dewey, a respeito da maneira como a interação, por meio da ação e da experiência, opera como via em que afeto e sou afetado por minhas ações, e nesse processo, o meu agir orienta minha ação no presente, mas também convoca passado e futuro, diante da possibilidade de resposta(s) do outro, e do ambiente no qual e com o qual interajo.

¹¹ A esse respeito, Dewey destaca que “quando a experiência deixa de ser empírica e se torna experimental, algo sumamente importante aconteceu. Os homens antigos empregavam os resultados de suas experiências anteriores somente para formar costumes que, daí em diante, deveriam ser cegamente seguidos. Agora, a experiência anterior é usada para sugerir propósitos e métodos para se produzirem experiências novas e melhores” (DEWEY, 2011, p. 96).

¹² Ver Jornal O Gandarela no. 4 jan/2014 e Gandarela Informa de 21/07/2014 disponíveis em <http://www.aguasdogandarela.org>.

Mas, como essas interações se dão, como um agente influencia o outro? Essa resposta está no “interacionismo simbólico”, termo criado por Herbert Blumer, discípulo de George Herbert Mead (Escola de Chicago, 1920-1930), que traz embutido a ideia de um “continuum”: os símbolos se constituem na interação. Assim, o enfoque dessa linha de pesquisa sociológica e sociopsicológica se encontra nos processos de interação e no caráter simbólico da ação social. “As relações sociais são vistas não como algo estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade” (JOAS, 1999, p. 130). A reciprocidade está na base das relações sociais.

Em “Mente, Self e Sociedade” (1993)¹³, Mead aponta que o “ato social” tem três instâncias – mente, sociedade e “eu” – e que mente e self individuais se originam no processo social. Assim, o indivíduo (self) emerge a partir do social, pois “surge en el proceso de la experiencia y la actividad sociales, es decir, se desarrolla en el individuo dado de resultados de sus relaciones con ese proceso como un todo y con los otros individuos que se encuentran dentro de ese proceso” (MEAD, 1993, p. 127).

Ao se contrapor à concepção dualista indivíduo-sociedade, vigente na sociologia clássica e na psicologia behaviorista, Mead nos mostra que somos formados socialmente e a sociedade compreende o indivíduo em interação (com outros indivíduos e com o meio). O que possibilita essa interação é a linguagem (sistema de símbolos), a produção de sentido comum por meio da externalização de gestos significantes, que funcionam como guias para o agir social.

Descubrimos lo que vamos a decir, lo que vamos a hacer, diciendo y haciendo, y en el proceso controlamos continuamente el proceso mismo. En la conversación de gestos, lo que decimos provoca cierta reacción en otro y, a su vez, cambia nuestra acción, de modo que nos apartamos de lo que comenzamos a hacer debido a la réplica que hace el otro. La conversación de gestos es el comienzo de la comunicación. Por conversación significativa entendemos que la acción es tal que afecta al individuo mismo y que el efecto producido sobre el individuo es parte de la puesta en práctica inteligente de la conversación con otros. (MEAD, 1993, p., 130-131).

Esse aspecto nos interessa, particularmente em relação à nossa pesquisa, uma vez que sendo a linguagem parte do social – o que possibilita a interação – é por meio dela e do

¹³ Tradução para o português da obra “Mind, Self and Society”, lançada em 1934. Neste artigo, utilizo a tradução para o espanhol, “Espíritu, persona y sociedad”.

conjunto de símbolos criados e compartilhados nesses gestos significantes que torna-se possível o “afetar e ser afetado” (na e pela experiência, na e pela ação). Nesse entendimento, uma possível resposta à pergunta – “por que a escolha do Movimento Gandarela recai sobre o valor da água como “símbolo” que conecta “as” Minas Gerais?” - estaria no fato de que este valor/símbolo, “água”, é o que parece “afetar” igualmente a todos, diante da escassez desse recurso em outras regiões do país, com mais evidência à crise do abastecimento em São Paulo. Ao comover afetando – e sendo afetado – a linguagem que aciona sentidos diversos é a que trabalha com contrastes – minas de águas e de belezas naturais X minas de minério¹⁴.

É nesse sentido que o significado que emprego na linguagem vem da minha relação com o outro, da interação, uma vez que tais gestos “contêm significados para aqueles a quem são dirigidos e para aqueles que os fazem; (...) são ferramentas que fazem parte do ato social. Eles são significantes quando encarnam um sentido para aquele que o fez e provocam sentido para aquele que os recebe; têm portanto a natureza da linguagem” (FRANÇA, 2008, p.77)

Nesse sentido, pensar a comunicação, implica pensar uma tríplice relação, segundo Mead: 1) entre aquele que promove/provoca o gesto, 2) aquele a quem se dirige, 3) e os desdobramentos/resultados da ação iniciada, no ato social. Desse modo pode-se compreender, como aponta França (2008), a intervenção no social a partir da compreensão do que dizemos.

Nesse processo interativo, os indivíduos tanto podem antecipar as reações dos outros aos seus gestos quanto ajustar suas reações de acordo com a resposta do outro. Desenvolve-se uma “conduta reflexiva”, “inteligência reflexiva” ou reflexividade, que diz de uma “capacidade de controle e organização intencionais da própria conduta frente ao meio físico e social por parte do organismo sujeito” (FRANÇA, 2008, p.78). Como afirma Mead,

La reflexión o la conducta reflexiva surge sólo bajo las condiciones de la conciencia de sí, y hace posible el control y la organización intencionadas, por parte del organismo individual, de su conducta, con referencia a su medio social y físico, es decir, con referencia a las distintas situaciones sociales y físicas en las que se ve involucrado y a las cuales reacciona.(MEAD, 1993, p. 96)

¹⁴ Ibid nota 12.

Considerações

As reflexões em torno da matriz pragmatista e do modelo relacional de comunicação, em especial, a reflexividade, nos desafiam a seguir a pista dessa filosofia da ação no sentido de compreender, nos gestos do Movimento Gandarela, a mútua afetação e reflexividades aí implicadas pois, se ao falar com o outro meu gesto é um estímulo a esse outro, ao mesmo tempo antecipa, no presente, o meu próprio gesto simbólico nessa interação.

Nessa atividade reflexiva sou capaz de me colocar no lugar do outro, uma vez que, como pontuado por Charles Morris na introdução de “Espíritu, persona y sociedade”, “tales gestos son símbolos significantes. Gracias a su empleo, el individuo "adopta el papel del otro" para la regulación de su propia conducta. El hombre es esencialmente el animal adoptador de papeles. La provocación de la misma reacción en la persona y en el otro proporciona el contenido común necesario para la comunidad del significado”. (MORRIS, 1993, p. 22). Deduz-se dessa afirmação que o indivíduo não se avalia a partir de sua perspectiva, mas colocando-se na perspectiva de outros ou do grupo social.

Essa dedução nos desafia a pensar, para o futuro de nossa investigação, a construção dos sentidos da Serra do Gandarela em três níveis de interação: ambientalistas e o “eu generalizado” (a comunidade de comunicação ao qual pertence/o grupo de pertencimento); ambientalistas e comunidade local (contexto mais amplo de interação com sociedade civil e instituições, como mídias e instâncias governamentais); ambientalistas e mineradoras (o “outro” a quem se opõem, construído na alteridade). Desse modo, intencionamos mergulhar nas narrativas a respeito da construção desse acontecimento e dos sujeitos que o narram, pois nesse narrar, os sujeitos estão agindo sobre o mundo e transformando-o.

Referências

- BRAGA, José Luiz. *Nem rara, nem ausente – tentativa*. In *Matrizes*, ano 4, nº 1 jul./dez. 2010, p. 65-81
- DEWEY, John. *Reconstrução em Filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Icone Editorial, 2011: 85-100
- _____. *Experiência e Natureza* (cap I e V). In *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1980: 3-52
- _____. *Arte como experiência*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010: 109-141
- FRANÇA, V. Objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: HOHKFEKDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. *Teorias da Comunicação*. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.MEAD. In: PRIMO, Alex et al (org). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A., TURNER, J. (org). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1999.

MEAD, G. *Espírito, Persona y Sociedad (Mind, Self and Society, 1934)*. México: Paidós, 1993

NASCIMENTO, Edna M. M. *Pragmatismo: uma filosofia da ação*. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.20/GT_20_01_2010.pdf. Acesso em: 10 jun 2014

POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo. Teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

Apêndices

1 - Panfleto da campanha “Direito a Dizer Não”

